



DIALOGANDO SOBRE GÊNERO: O IMPACTO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Paola Mariana Sória¹
Aryeli de Oliveira da Costa Ortiz²
Francesca Moraes Iankowski³

De estudantes para estudantes

As temáticas de feminismo e gênero tiveram seus estudos ampliados por volta do final da década de 60, de acordo com Louro (2014). A demanda por esses diálogos também é recorrente na realidade atual de vários países. No entanto, ainda há muita resistência ou falta de oportunidades para que isso ocorra em determinados locais. Foi a partir de uma reivindicação como essa, em um primeiro momento de alunas do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio do IFRS, Campus Feliz, que estes assuntos passaram a ser abordados na instituição e, em 2017, surge o projeto de extensão inicialmente intitulado “A Nossa Voz: Precisamos falar sobre feminismo”, que se propõe a levar as temáticas de feminismo, gênero e sexualidade a escolas da região do Vale do Caí, principalmente.

O projeto foi sustentado por três pilares teóricos: a educação emancipatória, o feminismo e o protagonismo juvenil de mulheres. A educação emancipatória é baseada na ideia de Freire (1996) de que aprender é constatar, pois por meio da consciência do que ocorre na realidade seremos capazes de modificá-la e a escola, além de ser a reprodução da sociedade e de suas opressões, é o lugar primeiro em que podemos intervir. A ideia do protagonismo juvenil é a de que, nós, alunas participantes do projeto, sejamos responsáveis, com o auxílio das servidoras, por engajar os diálogos com outras/os estudantes. Assim, as oficinas levadas às escolas são construídas e conduzidas pelas próprias bolsistas. Já a teoria feminista vem sendo estudada ao longo da execução do projeto e é apoiada por autoras como Louro, Scottt, Carneiro, Adichie, entre outras.


Após algumas modificações na equipe, como o desligamento de bolsistas e a nova participação de outras, o projeto acabou sendo integrado somente por alunas da Licenciatura em Letras. Por essa razão, nosso relato de experiência dará ênfase ao aspecto de como as

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras - Português e Inglês, IFRS Campus Feliz, p.soria002@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Letras - Português e Inglês, IFRS Campus Feliz, aryeli_ortiz@hotmail.com

³ Graduanda em Licenciatura em Letras - Português e Inglês, IFRS Campus Feliz, francesca.iankowski@gmail.com



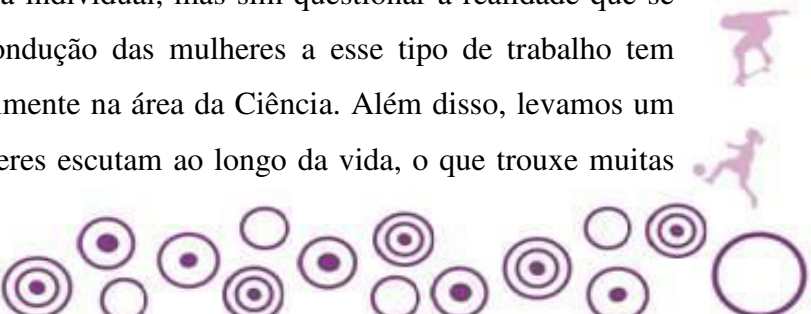



vivências que tivemos no âmbito do projeto nos modificaram como futuras docentes e ratificaram nossa escolha de trilhar o caminho de formar uma educação para o gênero e garantir que, como futuras docentes, nossa caminhada seja em busca de equidade entre nossas/os estudantes, assim como de garantia de uma formação cidadã.

A primeira oficina elaborada foi feita com primeiros anos do Técnico Integrado ao Ensino Médio do próprio Campus Feliz a convite de uma professora que iria trabalhar a temática com a turma. Era um grupo constituído predominantemente por meninos e que tinham certa resistência ao tema. Focamos então em atividades que os fizessem compreender os objetivos do feminismo, desconstruísem ideias errôneas relacionadas a ele ao longo do tempo e compreendessem que o machismo também os afeta, também abordamos a questão de como as mulheres são menos reconhecidas em espaços que não são associados a elas (como futebol, ciência, etc.).

Nessa primeira experiência lidamos com alguns percalços que contribuíram para que 1) modificássemos nossa abordagem com os/as alunos/as: em um primeiro momento reagimos de forma incisiva ao lidar com comentários em que víamos o machismo entrelaçado, mas que para eles não era tão transparente, 2) modificássemos nossa forma de organização prévia e na hora das oficinas: a primeira forma que encontramos foi a de promover um diálogo partindo de perguntas, as quais supomos que seriam respondidas pela turma e, a partir das respostas, iríamos explanar o assunto, porém, muitas vezes, a resposta não veio, e em alguns momentos não sabíamos o que ou como dizer. Vimos a necessidade, então, de começar a escrever sobre o que seria dito, dentro do que havíamos planejado e não mais nos apoiarmos só em respostas, e 3) repensássemos os níveis de ensino: a proposta inicial era de que trabalhássemos com quinto e nono anos do ensino fundamental e terceiros anos do ensino médio, porém, ao sentirmos essa resistência em turmas de primeiro ano, além da nossa pouca experiência abordando o tema, decidimos fazer oficinas somente nos quintos e nonos.

A próxima oficina ocorreu em São Vendelino em uma turma de nono ano. Estávamos mais preparadas para mediar o diálogo. Para introduzir o assunto perguntamos sobre as profissões que gostariam de seguir e as problematizando, na medida em que a maioria daquelas escolhidas pelas meninas são consideradas “secundárias, de apoio, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação” (LOURO, 2014, p.21), não queríamos com isso criticar a escolha individual, mas sim questionar a realidade que se apresenta; conforme Louro (2014), a condução das mulheres a esse tipo de trabalho tem influência na sua invisibilidade, principalmente na área da Ciência. Além disso, levamos um vídeo com frases machistas que as mulheres escutam ao longo da vida, o que trouxe muitas





reflexões, trazidas pelas próprias alunas durante os diálogos e que nos fizeram sentir que o nosso trabalho estava tendo efeitos positivos e isso nos motivou a seguir com as oficinas.

A oficina seguinte ocorreu em uma turma de quinto ano na cidade de Feliz, a qual nos trouxe mais um desafio: como adequar a linguagem e a própria temática para crianças de onze ou doze anos. Apesar disso, acreditamos que o diálogo produzido com a turma foi muito proveitoso, pois conseguimos mostrar, por exemplo, que as tarefas domésticas são obrigação de todos/as que vivem em uma casa e muitos dos/das alunos/as trouxeram seus relatos de que quem fazia tudo em casa era, em geral, alguma figura feminina. Da mesma forma, a explicação do porquê das divisões entre “brinquedos de meninas e meninos” e como isso influenciava nas relações do dia-a-dia esteve presente e pareceu conscientizar a turma.

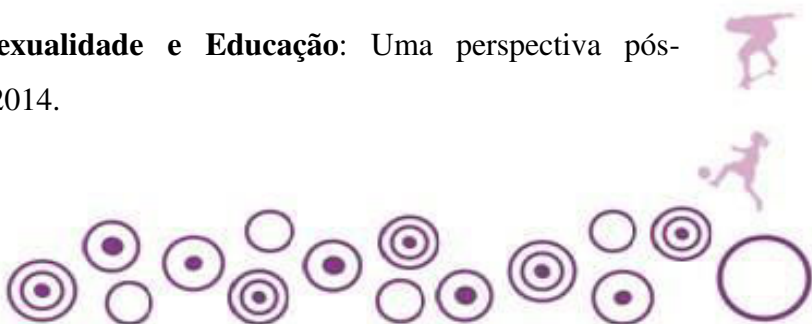
Nessa mesma escola fizemos uma oficina com o nono ano. Utilizamos uma metodologia diferente chamada *fanzine* trazida por Melo (2015), que o conceitua, em poucas palavras, como um pequeno informativo de baixo custo, que utiliza colagens na elaboração e fotocópias para propagação e cuja principal característica é a criticidade. Assim, novamente trouxemos o vídeo de frases machista e, a partir do diálogo, os *fanzines* foram construídos. Nessa experiência as/os estudantes puderam realmente interagir com o conhecimento ao mesmo tempo em que o construíam, pois precisavam refletir para poderem fazer o *fanzine*.

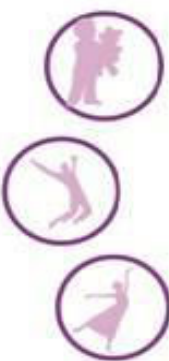
A última oficina do ano de 2017 foi feita em uma escola em São Leopoldo, nesta vez já nos sentíamos muito mais confiantes e preparadas. O diálogo foi feito com turmas do sétimo e nono ano e em ambas levamos a questão do feminismo e sua importância, baseada em dados de feminicídio, assim como a questão da diferença entre sexo, gênero e sexualidade. As trocas que ocorreram foram muito interessantes, pois as turmas participavam de um módulo sobre Direitos Humanos e já tinham contato com alguns aspectos levantados. Novamente utilizamos a didática do *fanzine*.

Por fim, todas essas vivências nos fizeram acreditar no papel da educação para a modificação da realidade. Primeiro porque vimos resultados ao final delas, segundo por conhecermos locais em que a temática já é abordada. Além disso, nos possibilitaram refletir sobre a questão da linguagem e das metodologias para abordar essas questões, assim como a importância de que sejam tratadas no âmbito escolar.

Referências

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes. 2014.





FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. 1996.

Disponível em:

<http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338>

MELO, Camila Olivia de. **Didática-zine**: um fanzine sobre gênero e sexualidade para diferentes caminhos metodológicos. Disponível em: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/03/DidaticaZine2015.pdf>>





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

